

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8347212>



## AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A METODOLOGIA ATIVA E INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*Lidiane Maurício da Silva<sup>1</sup>*

*Valdirene Barbosa Pereira<sup>2</sup>*

### Resumo

Este texto é pautado na pesquisa bibliográfica e busca refletir sobre a importância das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDCs) na inclusão digital dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), neste sentido buscou-se vários teóricos que tratam da temática supracitada, os quais destacamos aqui Moran(2017), Montanaro(2016), Arroyo(2008), Lévy (2010), Imbernón (2010), Freire (1997) dentre outros. Nas várias reflexões teóricas o intento foi compreender os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como cidadãos de direito, e, por isso, a sua inclusão numa sociedade digital se torna indispensável. Procurou-se, evidenciar o papel das TDICS, nas salas de aula de EJA, os desafios, dilemas e as suas realidades. O trabalho está subdividido em quatro tópicos, que se complementam entre si e revelam a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação na formação crítica dos sujeitos da EJA.

**Palavras-chave:** Cidadania; Educação de Jovens e Adultos; Inclusão Digital.

### Abstract

This text is based on bibliographical research and seeks to reflect on the importance of Digital Technologies of Information and Communication (DTICs) and even the digital two students of Youth and Adult Education (YAE), in this sense we searched for several theorists that deal with the aforementioned topic, which we highlight here Moran (2017), Montanaro (2016), Arroyo (2008), Lévy (2010), Imbernón (2010), Freire (1997) among others. In several theoretical reflections or attempts to understand the subjects of the Youth and Adult Education (YAE), as citizens of direito, and, therefore, even a digital society becomes indispensable. I try to highlight the role of TDICS, in YAE classrooms, the challenges, dilemmas and their realities. The work is subdivided into four topics, which complement each other and reveal the importance of Information and Communication Technologies in critical training of YAE subjects.

**Keywords:** Citizenship; Digital Inclusion; Youth and Adult Education.

## INTRODUÇÃO

A educação se desenvolve em diferentes espaços, para além do ambiente escolar, neste contexto, esta acontece das mais diferentes formas e alternativas, seja de maneira formal ou informal, utilizando as mais variadas ferramentas para aprender conteúdos diversos. Diante desta diversidade metodológica, buscar os melhores caminhos que visem atender as especificidades das mais diversas modalidades de ensino, é um papel fundamental para o sucesso do processo educacional.

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica. Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [diane.biologa@gmail.com](mailto:diane.biologa@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora da Educação Básica. Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [bvaldirene018@gmail.com](mailto:bvaldirene018@gmail.com)



A Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem a particularidade que afeta diretamente a dinâmica escolar, refletindo em práticas escolares necessárias para saber neste ambiente e garantir a qualidade de todo o percurso educacional e metodológico. Esta abrange, em sua maioria um grupo de alunos que chegam à sala de aula em busca de capacitação e adaptação ao mercado de trabalho, compelido pela necessidade de adquirir conhecimento, inclusive advindo do surgimento de novas tecnologias. Sendo assim, uma modalidade de ensino que requer um olhar especial, diante de suas características específicas.

Tal modalidade possui perspectiva reparadora, equivalente ao direito de educação negado por determinado período, constituindo uma dívida social do poder público com estes alunos, objetivando a promoção da equidade a oportunidades e levar conhecimentos para exercício da cidadania. Acreditamos que a inclusão digital é uma forma de os alunos da EJA superarem as dificuldades e desigualdade educacional. No entanto, para se adaptar ao trabalho, em um mundo globalizado em que estamos inseridos, o conhecimento de tecnologia da informação e comunicação; bem como a do a adoção de metodologias e suas adequações tornam-se essências para aprimoramento da formação dos educandos nos mais diversos aspectos.

Com foco nos aspectos metodológicos tem-se as metodologias ativas que são utilizadas, desde a educação básica até o ensino superior, apresentando ainda a possibilidade de utilização nas diferentes modalidades de ensino, tendo como função principal a centralização dos educandos no processo de educar e aprender.

Estimular o protagonismo dos educandos é impulsioná-los nas conquistas dos seus sonhos, e fortalecer para os enfrentamentos das adversidades frequentes em suas caminhadas, e com foco especial na EJA, estas se tornam muito evidente. Considerando os fatos que permearam nossas vidas durante os dois últimos anos, como as questões relacionadas à pandemia, tivemos que nos adaptar variando nossas modalidades de ensino entre as modalidades remota, híbrida e no final do ano passado o retorno gradual ao formato presencial.

O contexto de emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e de difusão da pandemia da Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 afetou diferentes setores da sociedade e pegou todos de surpresa, apesar das mais avançadas tecnologias do século XXI (MARANHÃO; SENHORAS, 2020). Assim inserir as tecnologias no cotidiano da escola, tornou-se fundamental, para o desenvolvimento de suas atividades, e contribuir para a inserção numa sociedade crítica.

Neste sentido pensar na utilização das metodologias ativas e tecnologias, visam contribuir para aprimoramento do processo educacional, aproximando e auxiliando para a inserção no educando em uma sociedade cada vez mais crítica. Por isso, esta proposta de ensino visa incluir o estudante no seu



processo de aprendizagem, intensificando sua capacidade crítica e reflexiva, contribuindo na construção significativa do seu aprendizado e desenvolvimento intelectual (SANTOS *et al.*, 2017).

Durante a etapa remota, a metodologia ativa teve sua participação na elaboração e execução das aulas, promovendo o dinamismo e qualidade no processo, e para que esse processo fosse possível, torna-se necessário o domínio das tecnologias da educação e informação, pelos educandos. Dentre as metodologias ativas utilizadas, iremos destacar o uso de diversas plataformas como Google Meet, Google sala de aula e Google Formulário, além da possibilidade de distribuição de materiais via Whatsapp e e-mail, bem como o uso dos Cadernos de Apoios à Aprendizagem virtuais e impressos.

A educação no Brasil não ficou de fora de tais influências, sofreu fortemente após a pandemia de COVID-19, pois grande parte da população estava despreparada para lidarem com a modificação da conjuntura educacional, abrindo mão do uso das metodologias tradicionais em detrimento do uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem por meio das tecnologias digitais (TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2021). De acordo Aldaires, Souza e Oliveira (2021), este processo pandêmico chegou exigindo que professores e alunos se adaptem rapidamente a um novo cenário de ensino à distância e enfrentando desafios inesperado.

A utilização das tecnologias na educação, é para além desta perspectiva pandêmica, onde as tecnologias digitais que predominam nos últimos 20 anos são aquelas que utilizam e se baseiam na conexão com a internet Selwyn (2011). Assim as TDIC englobam na sua base a informação e a comunicação a partir dessas peculiaridades tecnológicos da atualidade.

Todo esse contexto e muitos outros sofrem influência positiva, quando aliados às tecnologias. Destacaram neste processo de construção coletiva e ativa dos conhecimentos, por exemplo: a Aprendizagem baseadas em projetos, onde os educandos em grupo, levantam hipóteses fazem pesquisas, objetivando responder uma pergunta, um desafio, uma situação problema através de discussões, tal integração e vivências ampliam olhares e estimulam a criatividade e percepção de mundo.

Moran (2017) destaca que as metodologias ativas precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Neste contexto, o propósito é levar o aluno a proatividade, e para isso o educador deve adequar as metodologias, variando graus de complexidade, levando-as a tomar decisões e avaliar resultados e percursos. Com isso, teremos então um caminho para estimular a criatividade, a partir da experimentação de diversas possibilidades para expressarem suas iniciativas, ideias e protagonismo.

Na teoria crítica da tecnologia, as tecnologias não são meramente ferramentas instrumentais, mas para além disso, são aparatos que dão suporte às diversas naturezas da vida (ROCHA *et al.*, 2023). Considerando tal perspectiva, este estudo tem por objetivo principal analisar as principais contribuições das TDICS e suas contribuições para as metodologias ativas e inclusão digital na



Educação de Jovens e Adultos - EJA. Seguida dos objetivos específicos: identificar o papel da incorporação da TDICs às mais diversas metodologias educacionais; caracterizar a EJA e suas possibilidades educacionais e perceber as contribuições das metodologias ativas e seu papel para a inclusão digital na EJA.

A escolha desse tema justifica-se pela necessidade das instituições educacionais, buscarem meios de sanar as dificuldades impostas no processo educacional, em referência ao não domínio das TDICS, e como estas podem efetivar tal contexto a prática das metodologias ativas e auxiliando a inclusão digital. Segundo Martins e Nascimento (2021), os acessos às tecnologias da informação e comunicação estão relacionados com os direitos básicos de liberdade e de expressão, portanto os recursos tecnológicos são as ferramentas contributivas ao desenvolvimento social, econômico, cultural e intelectual.

Para construção deste estudo, foi adotado a revisão bibliográfica como metodologia, que se utiliza um modelo de análise produzido no referencial teórico para a sondagem de informações pertinentes ao tema proposto. Considerando a natureza desta pesquisa, a mesma pode ser considerada aplicada, uma vez que possibilita a aplicação com possibilidades de produção de conhecimentos. Propõe uma abordagem qualitativa, fundamentando uma análise exploratória dos dados, presentes nas entrelinhas das referências adotadas, respondendo ao objetivo principal deste texto. O caráter exploratório advém do fato de explorar um fenômeno que ainda é pouco conhecido pelo pesquisador, permitindo a sua familiarização e aprimoramento de dados para aperfeiçoar seu estudo.

Este trabalho está disposto em quatro seções. Na primeira seção, tem-se a introdução com a contextualização, justificativa, os objetivos e a estratégia metodológica. Na segunda seção está disposta a abordagem teórica sobre o tema proposto, abordando especificamente os conceitos de competência fundamentais para desenvolvimento da temática abordada. Na terceira seção encontra-se a conclusão, diante dos subtemas apresentando durante o estudo, e por fim as referências bibliográficas que fundamentaram as discussões presentes.

## A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E SUAS CONTEXTUALIZAÇÕES

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da Educação Básica que visa garantir aos jovens e adultos uma educação que compreenda as suas especificidades, buscando garantir o direito destes descrito na constituição. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1996 (Lei nº 9394/96) entende-se que a educação de jovens e adultos se destina a atender às pessoas que por algum motivo não tiveram acesso à educação em idade regular, pretendendo incitar o jovem ou adulto a



prosseguir os estudos e almejando seus sonhos e anseios profissionais, educacionais e pessoais na construção da cidadania.

Neste contexto os estudantes da EJA, encontram nesta modalidade um caminho para garantir a inserção no mercado de trabalho e garantia dos seus direitos como cidadão. Nela se interpõem interesses de diferentes atores sociais, relacionados às diferentes demandas ao perfil dos alunos, composto por trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos (ARROYO, 2008).

Quando a escola exerce seu papel cumprindo seus objetivos educacionais, desenvolve a autonomia dos seus educandos, despertando para a participação social, estimulando-os a ultrapassar as barreiras encontradas durante a sua caminhada, enaltecendo neste sentido o valor da educação na sociedade. Segundo Arroyo (2005) o investimento em educação de adultos estimula o desenvolvimento humano, razão pela qual deveria receber muito mais investimentos do poder público para o desenvolvimento estrutural, a ampliação, manutenção e recuperação das instituições educacionais, garantia de materiais didáticos adequados bem como a formação dos professores.

A atuação docente que quando não exercida com objetividade também contribui para acentuar a evasão escolar, pois o público desta modalidade de ensino tem um perfil marcado pelo ensejo da exclusão, devido vários fatores, como o abandono escolar (MARTINS; NASCIMENTO, 2021). Assim inovar no processo educacional da EJA será um caminho para amenizar os impactos, excludentes que infelizmente marcam a história da EJA.

A EJA desde os seus primórdios vem marcada por um contexto de domínio da classe dominante sobre a dominada. É como se a educação destinada a pessoas menos afortunadas das classes populares fosse uma espécie de assistência, e não um direito institucional (CURY, 2016). Assim, fazer parte desta modalidade independentemente da posição ocupada, o importante é unir forças na luta contra essa perspectiva traçada e delimitada historicamente.

A trajetória da EJA no Brasil envolve alguns desencontros e também se cruza em certo com a linha geral do processo integrador da educação brasileira. Assim, torna-se necessário ressaltar a educação desde o período colonial, sendo destacada pelo papel dos Jesuítas, na perspectiva de missionário, que visavam “educar” os índios nativos, que já estavam no país antes do processo de colonização efetivamente falando. Neste contexto boa parte destes “educandos” eram adultos, sendo prioridade neste processo de desenvolvimento da formação da sociedade que estava se estabelecendo no Brasil.

Ao longo da sua história, um dos nomes que tornou impossível a dissociação da EJA é o de Paulo Freire, será sempre uma para tal modalidade. Esta ligação teve início com o histórico projeto de alfabetização que ele instituiu em 1963 contou com a participação 380 trabalhadores em Angico-RN,



reverberando por todo o país, entretanto teve suas atividades e desenvolvimentos limitados com o golpe militar de 1964. Ele idealizou uma educação voltada diretamente para os trabalhadores e suas especificidades, com uma educação referenciada e idealizada de forma diferentes dos métodos vigentes da época, uma educação crítica e construída na dialogicidade, centrando o alunado em todo o processo.

A educação freiriana tem em seu foco principal a conscientização para ultrapassar as barreiras impostas pelo analfabetismo político para paralelamente, compreender o contexto no qual estão inseridos, sua história, contexto social e cultural. Neste contexto entende-se que o oprimido necessita libertar-se dessa condição é a foco que Freire (2013, p. 31) defende:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

Segundo Freire (2013), “não há saber mais ou menos; há saberes diferentes”, o que vai de encontro às ideias da educação bancária onde a aprendizagem estava centrada no professor, assim com bases nestes ensinamentos torna a educação como uma prática libertadora, que através de estímulos dados coerentemente aos educandos, estes mediante os desafios, iniciarão o processo de construção de conhecimentos com a sua autonomia. O educador assume desta forma o papel de mediador de todo o processo de construção de ideias, autonomia e emancipação.

## AS METODOLOGIAS ATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DIGITAL NA EJA

As metodologias ativas surgem como uma alternativa na busca de ajudar alunos com diferentes interesses e habilidades a aprender, como ferramenta para os educadores captarem e reterem a atenção dos alunos, motivá-los a buscar o conhecimento e se tornarem protagonistas de sua própria aprendizagem. No entanto, não deve parar por aí, a tecnologia pode ser uma ferramenta de comunicação aluno/professor, e os educadores podem orientar o desenvolvimento do aluno por meio de ações educativas, incluindo o engajamento do aluno com a tecnologia disponível, oportunizando seu desenvolvimento e socialização.

Neste contexto, as metodologias ativas podem ser ferramentas que auxiliem na inclusão dos educandos, de maneira eficiente, tornando-se agente ativo no ato de educar e aprender. Assim, considerando o tema abordado, percebe-se que estas podem contribuir para a inclusão digital, ainda mais



levando em consideração as pressões tecnológicas exercidas pela educação nos dias atuais. Segundo Silva e Lima (2016) “[...] é necessário acrescentar o fazer pedagógico, focando em uma aprendizagem contextualizada que potencialize o trabalho, as habilidades, as competências e as produções dos alunos nas construções de seus conhecimentos”, é no processo educativo que se estabelecem conexões no cotidiano dos educandos, visando suas potencialidades, desenvolvendo práticas inclusivas efetivas e de qualidade.

A sociedade contemporânea está inserida num processo de mudanças constantes, sendo em sua maioria mediadas pelas novas tecnologias, nesta, a informação constitui um bem valioso, que pode ser transformado em conhecimento e tem papel fundamental na produção de riquezas e de bem-estar para o cidadão. De acordo com Alonso, Ferneda e Santana (2010, s. p.), “o acesso à informação é uma importante oportunidade de aprendizado, poder e interação, mas pode ser também fonte de desintegração, exclusão social e pobreza, quando esse acesso não se dá de forma uniforme”.

O conhecimento é uma construção compartilhada e as tecnologias são apenas o suporte para alcançá-lo. Nesse contexto, o acesso à informação e a capacidade de transformá-la em conhecimento constituem uma via fundamental para o exercício da cidadania.

A expressão inclusão digital se refere às iniciativas de inserir o cidadão na sociedade da informação, oferecendo-lhes, o acesso às TICS e aos meios para desenvolver as habilidades necessárias para manipulá-la. Sendo esta, um passo fundamental para a inclusão social, estar incluído digitalmente significa participar de alguns dos principais fluxos de informação da atualidade. No entanto, em países que apresentam desigualdade social acentuada, como o Brasil, onde grande parte da população não tem acesso a direitos básicos, a inclusão digital enfrenta muitos desafios.

Para tal, não se trata apenas de fornecer à população os recursos materiais necessários para acessar a rede, mas também às ferramentas para acessar e processar as informações. Nesse sentido as iniciativas de fomento e inclusão digital devem estar associadas a outros esforços para a inclusão social como geração de emprego e renda, educação, moradia e participação política e social. Assim a escola também poderá contribuir de maneira significativa para que nossos educandos vençam esta barreira relacionada aos meios digitais.

A utilização de metodologias ativas mediadas por tecnologias, pode facilitar significativamente os avanços no ensino e na aprendizagem, tanto em termos de avanço tecnológico quanto ao proporcionar aos professores possibilidades de compreensão, interação e pesquisa em sala de aula, da inclusão digital, dentre outros. Além disso, quando associadas ao uso de ferramentas digitais incentivam a resolução de problemas do mundo real e fomentam o desenvolvimento de habilidades e pensamento crítico. Isso





significa contribuir para o desenvolvimento das dimensões cognitiva e socioemocional dos alunos que passam a enfrentar com maior confiança as complexidades acadêmicas e da vida.

Segundo Rocha (2023), as tecnologias digitais contribuem para que o sujeito se torne crítico e capaz de analisar o mundo tecnológico a partir da construção de suas opiniões próprias, conscientes e fundamentadas, cabe superar suas dificuldades como agente transformador, convergindo com o pensamento dialético sobre as tecnologias digitais e a sociedade contemporânea, desenvolvendo competências pedagógicas digitais.

Incluir digitalmente os sujeitos da EJA, não se trata de uma tarefa fácil, porém necessária, pois tal temática contribuirá para o processo formativo e auxílio na inserção de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Para Amparo e Furlanetti (2011) *apud* Franco (2003, p. 219),

é na modalidade de ensino de Educação de Jovens e adultos, que se tem mais dificuldade em implantar a inclusão digital e também onde mais deveria ter atenção, o que gera muitos desafios e discussões. Estes indivíduos já estão excluídos da sociedade por não saberem ler e escrever e com o advento das tecnologias, estes sujeitos se tornam também excluídos digitalmente. Com isso, fazer com que eles tenham acesso às TIC'S permitirá a adesão à atualidade e também desenvolverem competências para a sua utilização como um auxílio na alfabetização.

Implantar a tecnologia digital nesse grupo de alunos, quando não tiveram oportunidade, torna-os mais dignos de conviver com quem já teve esse benefício, ampliando-os em várias dimensões da dignidade pessoal ou profissional que rompem com a aquisição de conhecimentos, ultrapassando os paradigmas das limitações impostas ao mesmo em todo contexto social.

## AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os alunos da EJA, geralmente vêm de um contexto social em comum, no qual não tiveram acesso de gozar do direito de estudar na idade certa, (BRASIL, 1994. p. 32) ou por outros motivos como: evasão, repetência de ano, dentre outros aspectos. Assim, é sabido que para essa modalidade de ensino, as políticas educacionais, nunca alcançaram as necessidades específicas para tais, com eficiência, a luta por uma EJA digna e emancipadora, e inclusiva vem se travando diante dos poderes públicos de longas datas. Desta forma, vale ressaltar que,

[...] a importância da Lei não é identificada e reconhecida como um instrumento linear ou mecânico de realização de diretrizes sociais. Ela acompanha o desenvolvimento contextualizado da cidadania em todos os países. A sua importância nasce do caráter contraditório que a acompanha: nela sempre reside uma dimensão de luta. Luta por inscrições mais democráticas, por efetivações mais realistas, contra descaracterizações mutiladoras, por sonhos de justiça (CURY, 2002. p.247 *apud* COSTA; MACHADO, 2017, p. 58).



Ainda em sintonia com Costa e Machado (2017), faz-se um chamado para o aprofundamento das informações sobre a tessitura e normatização da EJA no Brasil, com ênfase no processo de lutas e conquistas, por ora, em oscilação, indicando como referência o parecer CNE/CEB n. 11/2000 de Jamil Cury, no qual o educador expõe todo o arcabouço legal da política educacional de adultos da Era Imperial à contemporaneidade. No entanto, remete-se ao termo contemporaneidade para ressaltar o contexto de EJA que estamos vivenciando, principalmente com o advento do período pandêmico, ocorrido inicialmente em março de 2020, cujo período, desencadeou outro processo de luta, desafios e realidades ímpares, para professores e alunos em todo o mundo, e na EJA não poderia ser diferente, tendo em vista que estes alunos, naturalmente estão inseridos nesta nova Era, a Era digital.

Assim, foi impossível no período supracitado, as modalidades de ensino não se debruçarem no uso das Tecnologias da Comunicação e Informação, com isso, houve um despertar no íntimo do cenário educacional, para o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em virtude de apoiar os professores e alunos, a fim de não deixar o processo de ensino e aprendizagem, ficarem estático. Dentro de uma contextualização de alterações que estamos inseridos, esta abordagem de ensino híbrido inovou-se também, essencialmente no referido às novas metodologias de ensino-aprendizagem (ZUKOWSKY-TAVARES *et al.*, 2023).

Neste cerne, notou-se que os professores da EJA, tinham uma preocupação maior com os alunos da modalidade mencionada do que com os do ensino regular ( infantil, fundamental, médio), ouvia-se algumas expressões como: “eles não tem aparelho de celular habilitado para isso; não sabem usar; não vão conseguir;”, todavia, essa falas eram falas que identificava a habilidade do próprio professor: professores que também, não sabiam como lidar com os recursos tecnológicos, ou não tinham meios para trabalhar com as TDICS. Afinal, “mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 1996. p. 4).

Conforme exposto, a carência de formação continuada surgiu com veemência nesse íntimo, pois era e é preciso aos professores a habilidade com os meios digitais, sem ela, tão pouco conseguirão a inclusão de si e de seus alunos na sociedade atual como verdadeiros cidadãos. Assim, “as margens e as fronteiras são aproximáveis, os muros e as muralhas são impeditivos de tentar passar” (ARROYO, 2014. p. 43), mas é necessário acompanhar as mudanças e transformações rotineiramente na vida humana, no universo educacional, de tal modo na EJA, logo estes alunos têm direito de viverem em sociedade utilizando e se comunicando integralmente como homens e mulheres comuns.

As TDICS são ferramentas riquíssimas que facilitam tanto o trabalho do professor, como estimulam os alunos nas resoluções de suas atividades escolares com assiduidade e interação com os pares, quando proporcionadas e orientadas com responsabilidade e eficiência. Não obstante, “temos que reconhecer que há alguns viciados na internet que passam noites em frente ao seu computador, jogando



RGPs na rede participando de discussões on-line ou surfando interminavelmente de página em página” (LÉVY, 2010, p. 220).

Aqui, vale destacar algumas TDICS, que foram e são usadas com maior frequência no cenário educacional, principalmente as usadas nas turmas de EJA, disponibilizadas nas plataformas google e outros dispositivos: Google Classroom, Google Forms, Google Meet, Whatsapp, estes foram os principais recursos tecnológicos usados na EJA, e que permanecem até então, quando se julgam necessário ou quando o professor sente a necessidade de atuar em sala de aula com uma ferramenta rica e atraente aos alunos, que lhe proporcione aprendizagem e prazer concomitantemente.

Por outro lado, o pensar pedagógico, não pode dispensar as particularidades de cada aluno da modalidade em discurso, sabemos que todos os cidadãos possuem os mesmos direitos e são capazes de fazer acontecer, não se pode transformar radicalmente as realidades desses alunos, mas precisa olhar com bons olhos para estes, e perceber a boniteza que eles possuem consigo mesmos, advindas de suas vivências e culturas diversas. Neste espaço, se respalda na fala de Freire:

A minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual como a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de por a escola à altura do seu tempo. E por a escola à altura do seu tempo, não é soterrá-la, mas fazê-la. (FREIRE, 1996)

Neste sentido, a fala potente do autor, ostenta a importância de reconhecimento de que a EJA, deve estar neste constante desenvolvimento social e tecnológico, sobretudo, inserida como uma modalidade de ensino que apesar de suas

nuances, seus sujeitos são pessoas que carecem de respeito, confiança e credibilidade nos seus potenciais. E, que a EJA já não é mais como a EJA de outrora. Ademais, o uso das tecnologias digitais da comunicação e informação, tornaram-se inevitáveis com o digital em rede, não dá para continuar no domínio educacional, seja ele na Educação de

Jovens e Adultos ou não, fingindo que essas ferramentas não estão expostas para serem usadas por professores e alunos. Afinal, os alunos vêm de seus lares carregados desse ‘digital em rede’, porque é isso que eles veem no seu cotidiano, em casa, nas ruas, no sítio, e precisam entender a infinidade de benefícios que a internet lhes proporciona através do bom uso desses benefícios, sejam dos mais simples ao mais complexo método tecnológico. A EJA é lugar de pessoas comuns, apenas com histórico de vida diferenciado.



## POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA A INCLUSÃO DIGITAL NA EJA

Nesse sentido, a modernidade imediata se apresenta pela forma veloz e líquida, suplantando a modernidade anterior e sólida. As transformações são rápidas, pois os homens se virtualizam através de uma tela, neste ambiente o privado tem colonizado o público, ou seja, o contrário do que o ocorre no espaço da realidade social, hodiernamente, os homens se veem e tomam como espaço público a tela em que as inquietações privadas são ampliadas e projetadas no espaço público sem adquirirem nenhum aspecto público, este espaço se tornou o lugar de publicação de segredos e intimidades privadas, facilitando a divulgação de opiniões pouco ponderadas (BAUMAN, 2001). Assim, a demanda de novas práticas na EJA são cruciais para inclusão desses sujeitos na Era Digital.

O surgimento do ciberespaço, possibilitado pelo avanço das tecnologias e da internet, sendo, além disso, característico pela oportunidade de comunicação apenas de forma virtual, traduz de maneira favorável uma evolução da civilização, dentre as possibilidades existentes no ciberespaço: há a integração de conjuntos culturais diferentes. As denominadas novas tecnologias, de modo grosseiro, é a atividade multiforme de grupos humanos, bem como um fluxo coletivo e complexo que se cristaliza em instrumentos como computadores e dispositivos de comunicação, a cibercultura naturalmente está relacionada com o desenvolvimento das tecnologias digitais, sendo assim a cultura contemporânea, pode-se apontar a velocidade de transformação como uma constante paradoxal da cibercultura (LÉVY, 2010). O uso do ciberespaço para aperfeiçoamento dos métodos de ensino na EJA, se tornaram cada vez mais explorados, principalmente, no advento da pandemia da COVID-19, no qual, professores e alunos tiveram que se debruçar no uso das TDICS, destaca-se aqui, a tecnologia móvel (celular), que era o meio mais comum de comunicação entre professores e educandos.

Diante dessa nova realidade, perceptivelmente os professores são necessários, no entanto, as exigências educacionais atuais, que requerem tanto da formação inicial quanto dos cursos de formação continuada um professor capaz de adequar sua didática às novas realidades da sociedade, do educando da EJA, do conhecimento, dos meios de comunicação e das culturas. O novo professor precisaria ter minimamente, de modo geral, a capacidade de resiliência e de aprender a aprender, sobretudo por estar inserido em uma sociedade que vive em constante transformação, além de desenvolver habilidades de comunicação e dominar a linguagem informacional (LIBÂNEO, 2014).

De sorte que para que haja a formação desse novo professor, é fundamental resgatar a profissionalidade do docente e estimular uma busca da identidade profissional pela reconfiguração das características de sua profissão. É necessário também a interligação entre formação inicial e formação continuada, de maneira que a formação do professor se molde nas demandas da prática e que os



professores busquem participar de grupos de estudo e reflexão para analisar problemas da prática docente na EJA (LIBÂNEO, 2014).

A identidade tem como base as formas identitárias e estas se constituem nas relações de poder e de trabalho. Percebe-se que a identidade construída na sociedade recebe ações do tempo e do contexto histórico, sendo por intermédio do trabalho a configuração do espaço em que se ocorrem as relações identitárias, as quais originam a identidade profissional. As experiências influenciam na construção identitária, pois é as experiências subjetivas têm três espécies os outros, as coisas e a si próprio, assim é pelo contato com o mundo, com o outro e com si mesmo que o sujeito adquire saberes da experiência, originando as teorias ecológicas e biopsicofisiológicas da aprendizagem, as quais também são teorias da identidade humana (DUBAR, 2006).

Assim, as mudanças refletem e possuem elementos que influenciam na educação e formação dos professores da EJA. Pode-se apontar como elementos a transformação rápida das relações adotadas pela comunidade social, desenvolvimento das estruturas materiais, institucionais, de paradigmas de família, produção e distribuição, bem como as aceleradas modificações dos meios de comunicação de massa e as tecnologias (IMBERNÓN, 2010).

A educação não é mais patrimônio dos professores, mas de todos da comunidade, pois os professores compartilham as características educativas com os meios de comunicação, ou seja, com outras instâncias. Então, nota-se que as alterações sociais podem influenciar na formação docente, porquanto os conteúdos formadores demandando como foco as habilidades e atitudes, enfatizando o trabalho em equipe e fundamentando-se em dois fatores: diversidade e contextualização (IMBERNÓN, 2010). Aprender a conhecer é essencial atualmente, sem a motivação de buscar o conhecimento e se qualificar não há autonomia. Por consequência, o interesse por uma formação contínua e permanente revela uma inconformidade com o que se sabe e gera um profissional mais qualificado.

## CONCLUSÃO

Compreendendo que os alunos da EJA, são sujeitos de direitos, a escola deve facilitar a inclusão destes ao mundo tecnológico, embora a educação sozinha seja incapaz de efetivar esse direito, visto que as outras esferas sociais precisam se apoderar das novas demandas que a EJA necessita. A educação tecnológica dos nossos alunos da EJA deve estar a serviço de um sociedade liberta de todas as alienações e provações, nesse sentido concordamos com Freire (1987), quando o mesmo defende que a formação humana não pode ser confundida com treinamento, a construção do conhecimento é integrada



com o contexto de vida e consciência, é preciso compreender a historicidade do ser humano, que se descobre inacabado e por consequência assume um comportamento político, perseguidor da crítica e da descoberta do mundo e do próprio mundo, pois entende o seu papel diante dos desafios e construções cotidianas. Entretanto, o treinamento deixa o sujeito alienado, sem consciência e o doméstica.

Na contemporaneidade, está incluso nas Tecnologias da Informação e Comunicação ou simplesmente acessar as redes sociais é sinônimo de cidadania, pois compreendemos que o ato de opinar, acessar informações e se comunicar faz parte das relações humanas e liberta os sujeitos. Entretanto é necessário que esse debate esteja mais presente nas agendas das políticas públicas de Estado, dando bastante ênfase ao processo emancipatório dos sujeitos da EJA. Em um mundo globalizado, a inserção de todos é a garantia do direito à liberdade e livre escolha, fundamentos estes presentes na Constituição de 1988 que insere os cidadãos como sujeitos de direitos.

## REFERÊNCIAS

ALDAIRES, A. S. L.; SOUZA, F. S.; OLIVEIRA, H. V. “Educação A Distância no IFRR/Campus Boa Vista Zona Oeste: entre os desafios práticos e as perspectivas em tempos de COVID-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 15, 2021.

ALONSO, L. B. N.; FERNEDA, E.; SANTANA, G. P. “Inclusão digital e inclusão social: contribuições teóricas e metodológicas”. **Barbaroi**, n. 32, junho, 2010.

AMPARO, M. A. M.; FURLANETTI, M. P. F. R. “Inclusão digital na educação de jovens e adultos: dificuldades e desafios”. **Anais do III congresso Internacional de Educação**. São Paulo: UNESP, 2011.

ARROYO, M. G. “A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão”. *In*: VÓVIO, C. L.; IRELAND, T. D. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: Unesco, 2008.

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos outras pedagogias**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

DUBAR, C. **A crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. Porto: Editora Afrontamento, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessário à prática docente. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.



LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo: Editora Cortez, 2014.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo coronavírus”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020

MARTINS, D.; NASCIMENTO, F. L. “Covid-19, ensino remoto e a educação de jovens e adultos”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 17, 2021.

MORAN, J. M. “Mudando a educação com metodologias ativas”. *In*: SOUZA, C. M.; MORALES, O. E. T. (orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2015.

ROCHA, R. S. *et al.* “Tecnologias digitais de informação e comunicação na sociedade contemporânea: um estudo teórico-crítico sobre sua utilização na educação”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 40, 2023.

SELWYN, N. “O que queremos dizer com “educação” e “tecnologia””. *In*: SELWYN, N. **Educação e Tecnologia: principais questões e debates**. Londres: Bloomsbury, 2011.

SILVA M. S.; LIMA F. A. “Educação Inclusiva no Ensino Fundamental”. **ANTHESIS: Revistas de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, vol. 4, n. 7, 2016.

TEIXEIRA, D. A. O.; NASCIMENTO, F. L. “Ensino remoto: o uso do google meet na pandemia da COVID-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 19, 2021.

ZUKOWSKY-TAVARES, C. *et al.* “Hybridteaching in health: a literature review study”. **Research, Society and Development**, vol. 12, n. 2, 2023.



## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima